

Estreia Husbands



JAN VERSWELD

Três homens
perdem o
melhor amigo e
encontram-se
no funeral dele

Centro Cultural de Belém Teatro. Sex-Sáb

As crises de meia-idade têm sido musas inspiradoras mais eficazes do que qualquer ninfa. As crises de meia-idade já deram origem a muitos filmes, dramas ou comédias. Ou seja, as crises de meia-idade não servem só para os homens comprarem um carro novo e andarem com uma mulher mais nova. Podem servir até para uma peça de teatro, como é o caso de *Husbands*, do Toneelgroep de Amsterdão, que vai estar em cena sexta-feira e sábado no Centro Cultural de Belém.

“Este é um texto que põe a existência no centro de tudo. Três homens perdem o melhor amigo, estão a voltar do funeral dele e o que acontece depois disso?”, diz Ivo Van Hove, o encenador. É este o ponto de identificação com todas as vidas – a perda repentina que leva a uma reacção contra a rotina. “É um ponto da vida a que todos chegamos. Tenho 53 anos e não quer dizer que também esteja com uma crise de meia-idade, mas essas crises existem. As pessoas morrem e isso obriga-nos a pensar.”

Esta é a terceira vez, depois de *Opening Night* e *Faces*, que o encenador trabalha a partir de filmes de John Cassavetes. “E não estou aqui a imitar um filme em

palco. É exactamente como *Hamlet*. Partimos de um texto.” Este até é o texto do realizador que mais o entusiasmou, ainda que tenha sido também o mais difícil de conseguir: “A primeira vez que o quis encenar, a família não deixou. É um trabalho muito pessoal. Mas depois de verem o que fiz com os outros textos decidiram ceder-me os direitos. A mim mesmo. Tinha de ser eu a encenar.”

Quando era mais novo, Ivo Van Hove ia ao cinema três vezes por semana. Via Cassavetes, Kubrick, Visconti. “Tinha uns 20 anos e ficava deslumbrado com a dureza dos actores e a filmagem caótica. Sei agora que era muito novo para entender estes filmes, que são sobre relações adultas.” Não se trata só de ter uma crise de meia-idade que arrasta três amigos para um fim-de-semana louco. “É também sobre famílias, relações, sobre o desejo pelo amor de verdade mesmo que não saibamos bem o que isso é.”

No final, pelo menos dois deles regressam a casa. E a mensagem é positiva: “Não é preciso ir atrás da felicidade com ‘f’ maiúsculo. É a felicidade com ‘f’ minúsculo que interessa.” Essa que todos sentimos quando chegamos a casa ao final do dia, mesmo quando passámos o dia todo a desejar deixar tudo para trás e fugir. *Catarina Homem Marques*